

Teriam Toni Morrison e bell hooks se encontrado?

———— ARMAN NETO ————

intransitiva
• revista

TRANSFORMAÇÕES DO EU E DO OUTRO (V. 6, N. 1, 2022)

Teriam Toni Morrison e bell hooks se encontrado?

Arman Neto

Dedico este ensaio a Carolina Ferreira, a Rafaela Miranda e a todos para quem bell hooks e Toni Morrison são tão importantes.

O dia quinze de dezembro de dois mil e vinte e um foi triste à beça. Era por volta das 13:54 quando vi um tuíte do jornal estadunidense Lexington Herald-Leader com o obituário de bell hooks. Uma porrada. O tipo de notícia que ninguém quer. O tipo de notícia que infelizmente eu ajudaria a passar adiante. Por instinto, a primeira coisa que fiz foi mandar mensagem a uma amiga a quem bell hooks é muito importante. Você já soube da notícia terrível, perguntei. Qual? Me conte, estou meio *off* esses dias, ela respondeu. E ali começava o luto. Não só meu. Não só dela. De muita gente.

Eu acho muito estranho como a morte de pessoas que nem faziam ideia da nossa existência tenha o poder de mexer tanto com a gente, mas ao mesmo tempo compreendo que isso é apenas um reflexo do impacto que essas pessoas têm em nossas vidas. Não importa quem seja, não importa a sua ocupação. Se o que você faz toca o outro, sua perda será sentida. Vimos isso com Marília Mendonça, vimos isso com Kobe Bryant, vimos isso com tantos outros. Não seria diferente com bell hooks.

Apesar de todo lamento, aquela quarta-feira teve seus lampejos de beleza. Foi bonito ver o tanto de homenagem que as pessoas fizeram questão de prestar à hooks. Foram conversas, relatos, declarações, pessoas compartilhando trechos dos textos dela, de suas entrevistas, de suas palestras ou de outros falando a seu respeito, mas creio que foi Jamie Lynn Harris quem sintetizou tudo da forma mais simples e bonita possível. Ela disse: “I hope that bell hooks got to experience the love she wrote about.” Uau.

Confesso que mesmo assim me surpreendi, pois pessoas que jamais imaginaria também manifestaram o seu pesar. Talvez isso seja um ótimo exemplo do que chamam por aí de “furar a bolha”. As palavras e as ideias de bell



hooks são tão poderosas que é bem capaz de a gente ainda não ter a dimensão real do tanto que elas se espalharam mundo afora. Sim, nós temos certeza de que não foi pouca coisa, mas eu acredito – e aqui é puro empirismo da minha parte – que foram raras as vezes que conseguimos mensurar o valor real de alguém em vida. E não importa se existia muito ódio jogado em cima dessas pessoas ou se elas eram celebradas de maneira quase unânime.

Tenho a impressão de que a chave só vira mesmo quando tudo o que temos do outro é a lembrança e o seu legado, quando não podemos lhe dizer mais nada, seja um parabéns ou um simples obrigado.

Não sei se foi a minha verve criativa ou algum tipo de superexposição que me deixou de alguma forma sensível e, portanto, vendo coisas onde não existiam, mas a partida de bell hooks me fez prestar atenção em algumas coincidências que, de certo modo, pareciam até insistentes.

Quando soube de sua morte, me arrepiei por inteiro. Como já disse, foi impossível não correr e falar com a minha amiga. Com pouco tempo de conversa, o clima já estava envolto por aquela densidade que só situações como essa são capazes de proporcionar. Não tardou para rememorarmos tudo o que podíamos sobre ela. Foi aí que me dei conta de que havíamos passado os últimos dias conversando sobre bell hooks. Não só sobre ela, mas também sobre Toni Morrison. Inclusive, no dia anterior a sua morte, e influenciado por essas conversas, encomendei um de seus livros. Motivo? Segundo soube, pelo menos um ensaio presente nesse volume fala justamente de Morrison. Só que, dias antes, também sob influência dessas mesmas conversas, fui até as profundezas da internet atrás da tese de doutoramento de bell hooks. O título? *Keeping a hold on life: reading Toni Morrison's fiction*. E quando entrei no Instagram para lamentar a imensa e inestimável perda de bell hooks, me dei conta de que o único story que eu tinha compartilhado até aquela hora continha uma citação de Morrison: “Que diferença faz se o que lhe assusta é real ou não?”. E como se isso tudo já não bastasse, quando, ainda naquele dia, decidi que a melhor homenagem que eu poderia prestar a hooks seria ler algum de seus livros, gargalhei ao perceber que o único livro que eu estava lendo no momento era o *Jazz*, que não preciso nem dizer de quem é a autoria. Pronto, não tinha mais volta. Eu não conseguia mais pensar em outra coisa.

Passado o deslumbramento causado por essas subjetividades quase esotéricas, me toquei que ao longo do dia a morte de bell hooks estava me trazendo à mente as lembranças em torno da morte de Toni Morrison, e provavelmente todas as conexões que eu estava fazendo – ou apenas mais atento – entre as duas tenham sido obra do meu subconsciente devido a uma coincidência que podemos dizer ser mãe de todas as outras: as circunstâncias com as quais eu me relacionava com ambas as autoras no momento que se foram eram parecidíssimas. E a essa altura do campeonato, eu não tinha mais dúvidas de que se a minha relação com bell hooks passasse a ser outra, eu não iria me espantar, pois foi isso o que aconteceu entre mim e Morrison.

Seis de agosto de dois mil e dezenove. Já não lembro onde eu estava, mas me recordo perfeitamente de como me senti naquela manhã de terça-feira assim que as primeiras notícias sobre a passagem de Toni Morrison começaram a chegar. Minha respiração se tornou pesada, tão carregada de lamento que cheguei a me assustar com todo aquele afeto por alguém que eu não conhecia. Morrison faleceu um dia antes, no dia cinco, mas o mundo só tomaria conhecimento na manhã seguinte.

Posso estar enganado, mas acredito que naquela terça-feira tudo o que eu fui capaz de fazer foi ficar quieto no meu canto, apenas lendo o que diziam a respeito dela. Toni Morrison sempre teve uma aura de entidade para mim. Um ser poderoso, imponente, que guardava toda a sabedoria do mundo em si. Assimilar sua partida foi algo que me custou tempo. Aliás, demorou para eu entender que aquilo que eu estava experienciando tinha nome: luto.

Pode até parecer ingênuo, mas acredito que foi toda essa idealização em torno de Morrison que tinha me impedido de ler a sua obra até então. Curiosamente, não foram poucas as vezes que encarei a minha cópia de *O olho mais azul* na estante durante aquele ano. Sempre que ensaiava começar a lê-la, algo me dizia que ainda não era hora. Não sei por que, mas esse sentimento de que eu precisava esperar o momento certo era muito forte. Para a minha tristeza, só perdi tempo. Me recuso a acreditar que o momento certo tenha sido a sua morte.

Logo, caí em uma espiral. Passei dias a fio lendo todas as homenagens, todos os ensaios, perfis e todas as reportagens que via a respeito de Morrison. Assisti ou li suas entrevistas, das mais antigas as mais recentes. Retornei a textos dela ou sobre ela que eu já tinha tido contato antes. Quando isso já não era mais o bastante, enfim li *O olho mais azul* e aí eu fui pego de vez.

Emendei em *A origem* dos outros e não tardei para ler o tão celebrado *Amada*. Toni Morrison deixou de ser alguém que eu só respeitava e idealizava e passou a ser alguém que eu não só admiro muito, mas tenho como uma verdadeira referência tanto profissionalmente como de vida, pois foi a partir daí que percebi o meu desejo em aliar a vida acadêmica à vida literária sem perder de vista tudo aquilo que me é caro, sempre com um olhar crítico, atento, sabendo bem a hora e a maneira de me posicionar quando sentir a necessidade bater à porta. E tal qual um verdadeiro aprendiz, desde então tento seguir seus passos e ensinamentos, sejam eles os mais claros ou aqueles escondidos nas entrelinhas. Há um eu antes e um eu depois de Toni Morrison chegar na minha vida.

Um dia desses, Carol, a amiga que tanto citei aqui, me disse que começou a ler um livro da bell hooks porque estava precisando trocar uma ideia com ela. Lembrei de outra amiga, a Rafa, que por ocasião da partida de Morrison disse que o prefácio de *Amada* é o seu texto-de-cabeceira, assim como o próprio *Amada* é seu livro de cabeceira, e que sempre que precisa destravar a sua escrita, os consulta, porque a “encanta sua fluidez, sua poética, sua criação, seu deslize pela narrativa”. Foi aí que eu me dei conta de que faço algo bem parecido. Sempre que preciso, geralmente quando estou um bocado perdido, recorro às entrevistas e ensaios da Morrison – e também da Zadie Smith – para ver se não acho algo por ali, mesmo que não sejam respostas, e ainda que na discordância, alguma luz, algo que me norteie. E é sempre um frescor. Quase – se não for – uma espécie de ritual. Nem sempre encontro algo, mas sempre vale a pena. Acho que é isso que querem dizer com ouvir os mais velhos.

Esses diálogos que nós fazemos com quem veio antes de nós só reforçou algo que eu venho imaginando desde que bell hooks virou ancestral: caso exista mesmo um céu, um paraíso, um campo das ideias, sei lá, teriam hooks e Toni Morrison se encontrado nesse outro plano? E se sim, como deve ter sido esse encontro? Veja bem, eu estou bem longe de ser alguém que acredita em qualquer coisa para além do aqui e do agora, mas essas duas são forças tão poderosas que eu não consigo evitar confabular como teria sido uma conversa entre elas num estado de possível plenitude, tendo uma verdadeira compreensão de quem elas foram e do tanto que elas deixaram para todos nós, de como elas tocaram e continuarão tocando a vida de inúmeras pessoas.

A imagem de hooks e Morrison tomando um café, ou até mesmo dividindo algumas garrafas de vinho enquanto batem aquela prosa descom-

promissada me é muito bela. Para além do depois, será que algo assim aconteceu em vida? Eu realmente não faço a mínima, só posso imaginar. Duas mulheres negras. Gigantes. Imortais. Compromissadas com o pensamento crítico e nada temerosas em demonstrar isso. O trabalho de uma tendo sido extremamente importante para a outra, o trabalho das duas ecoando mundo afora. Inclusive, é fascinante pensar que o trabalho de uma mulher de Hopkinsville, Kentucky, e de outra de Lorain, Ohio, ambas cidades estadunidenses, tenham força suficiente para movimentar as coisas na cidade de Queimados, na Baixada Fluminense, do outro lado da ponte Rio-Niterói e em São Paulo. E isso para ficarmos em apenas alguns lugares do Brasil. Sabemos bem que esses ventos foram para diversos outros cantos, outros continentes, outros mares.

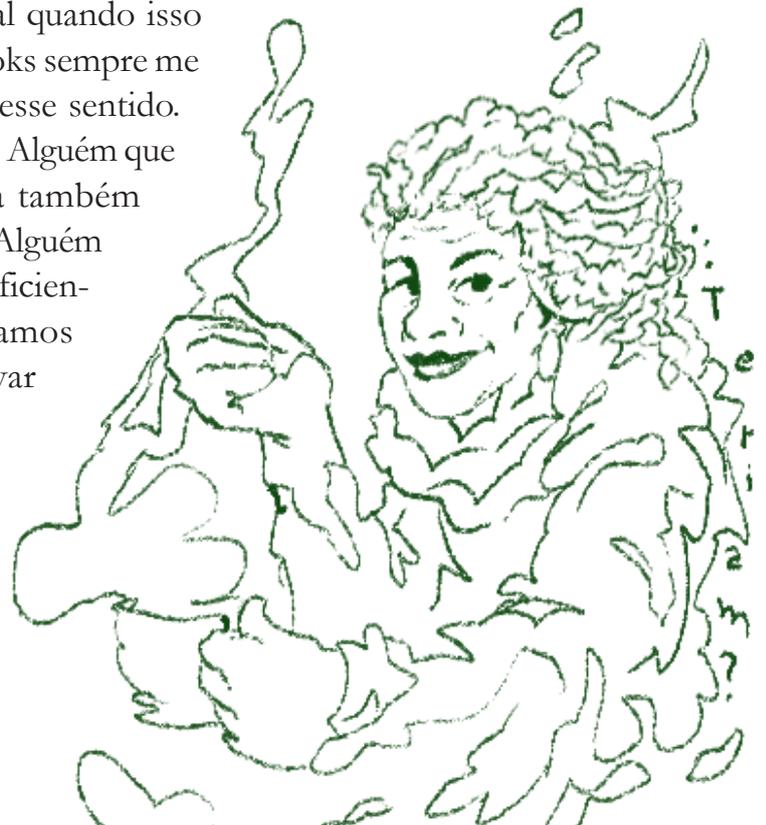
E se só me cabe imaginar como teria sido um encontro entre essas autoras, me sinto grato por poder testemunhar como o mesmo se deu – ou se dá – em nosso país. Ou seja: no Brasil tal confluência ocorre entre as suas ideias e seus trabalhos. Para além da paixão de seus leitores para com as suas obras, há tanta gente que se dedica a pesquisá-las ou fundamentar suas pesquisas com elas. Versátil, hooks é importante para os estudos de gênero, feminismos, representações, a educação, etc. Já Morrison, além de ter sua literatura como exemplo de excelência, também tem tido seus ensaios descobertos por aqueles que se debruçam sobre os estudos literários. E não são raras as vezes que seus nomes aparecem juntos. Até porque, quando se trata de questões raciais, tanto Morrison como hooks são referências. E seja por meio da teoria, da poesia ou da ficção, as perspectivas dessas autoras, mesmo sendo construídas a partir de um outro lugar que não o nosso – ambas são estadunidenses, não nos esqueçamos –, se tornaram valorosas para muitos de nós, nos ajudando a embasar nossas inquietudes e reflexões, não só sobre o racismo, que sabemos, está entranhado na experiência social brasileira, mas indo além, pois também nos ajudam a pensar questões como as relações humanas e o pertencimento, para citarmos só alguns tópicos.

Sendo bem sincero, acredito que um cara a cara entre essas duas tomaria um rumo bem diferente de qualquer um que possamos imaginar. Seria tipo um *big bang*. Algo nasceria ali de forma espontânea, como tivesse que ser, sem a carência de algo premeditado ou algum controle. Acho muito mais fácil uma conversa sobre amenidades. Um papo à toa sobre livros, sobre família, sobre amigos em comum, sobre como aquele programa de tevê é bom e aquele outro terrível. E por fim, Morrison se gabando do seu famoso bolo de cenoura. Coisas assim. Simples, mas de tamanha impor-

tância. Acredito demais que a preocupação real seria a de aproveitar bem o momento, fazer dele eterno, algo que perdurasse com a lembrança e que alimentaria os devaneios de alguém durante os poucos minutos que faltam para uma quinta-feira se tornar sexta-feira em um quarto perdido de um município adormecido em qualquer endereço desconhecido deste mundo.

Nós até podemos ir atrás da linguística, da semântica, qualquer coisa do tipo, para encontrar algum aporte e dizer que a linguagem humana é um reflexo da nossa experiência no mundo e que, portanto, ela é importante etc e etc. Mas não adianta. Nada do que possamos encontrar em nenhuma teoria daria conta de fazer com que entendêssemos isso com a mesma precisão e força com que a arte que tem em sua gênese o poder de envergar a linguagem faz. Ler Toni Morrison é pedir para ser virado do avesso, ser jogado para cima e para baixo, sentir a cara lanhada como se tivéssemos nossos rostos arrastados pela parede de um muro chapiscado ou sentir-se acalentado como se estivéssemos envoltos pelo abraço mais compreensivo e reconfortante que possamos encontrar. Para o bem ou para o mal, é impossível manter-se impassível diante da magia que Morrison faz com as palavras, mas é justamente por termos o chão retirado debaixo dos nossos pés que sempre retornaremos à sua literatura. Não é sobre o que a gente quer, é sobre o que a gente precisa.

É sempre bom ter quem nos lembre de que o amor importa. E não só importa, como necessita estar presente. É como a água, vital. Sobretudo se estamos às margens. Saber olhar para nós mesmos, para o outro, para o mundo e conseguir reconhecer o imprescindível. Enxergar para lá das fronteiras do aceitável e ter a capacidade de criar a partir de então, mas sem perder de vista o senso crítico e nem ter medo de se assumir radical quando isso for imprescindível. bell hooks sempre me pareceu uma grande luz nesse sentido. Uma verdadeira professora. Alguém que nos mostrou que a teoria também pode ser um lugar de cura. Alguém que sempre soube dar o suficiente para que não só queiramos retribuir, mas também levar



adiante. Mais uma vez, não é sobre o que a gente quer, mas sobre o que a gente precisa.

Outro dia sempre nascerá amanhã. Mas até o hoje, o caminho precisou ser aberto. É como um antigo provérbio africano diz: “quando não souberes para onde ir, olha para trás e saiba pelo menos de onde vens”. Quando olhamos para trás querendo realmente enxergar, vemos todos os que recusaram ter seus nomes apagados pela história e, de uma maneira ou de outra, colaboraram com essa fresta por onde muitos de nós insistem atravessar. Essas pessoas fizeram algo pelo mundo e nós podemos fazer como elas. Mas é bom lembrarmos que “nós morremos. Talvez seja esse o sentido da vida. Mas fazemos linguagem. O que bem pode ser a medida da nossa vida.” Também é bom lembrarmos que “amar faz isso. O amor nos empodera para viver plenamente e morrer bem. Então, a morte se torna não o fim da vida, mas uma parte dela.”

Chloe Ardelia Wofford e Gloria Jean Watkins, que vocês estejam sempre em paz.

Sobre o autor

Arman Neto é filho da Dona Yara, cria da Baixada Fluminense e estudante da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É colaborador do blog Impressões de Maria, onde escreve sobre livros, e quando sobra algum tempo, inventa algumas histórias.